

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

FORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.5866

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

Domingo, 27 de Janeiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

TELEFONE—5339-C
Officinas de impressão—Rua da Batalha, 111 e 113

Terminou a greve dos tanoeiros que obtiveram uma vitória completa tendo sido atendidos nas suas reclamações

As Escolas Primárias Superiores

Um crime nunca suprime uma imoralidade

A compressão de despesas que poupou o ministério da Guerra atingiu o ministério da Instrução. Entre os cortes que se fez nas despesas e nos serviços deste ministério consta a estranha e atribulada medida que poz fim às Escolas Primárias Superiores.

No entanto elas não foram encerradas apenas por espírito de economia mas, diz-se, por não corresponderem aos fins para que foram criadas, sussurra-se ainda, e com certa intensidade, de que as Escolas Primárias Superiores enfermavam dum mal horroroso: a incompetência da maioria das pessoas que tinham a seu cargo o ensino e a execução do seu programa. O jesuítico espírito de se não porem, clara e desassombadamente as coisas, em voz alta ou em letra redonda, favoreceu muito esses boatos anónimos, vindos não se sabe de onde, nem a que intenção presidem, mas que exercem na opinião pública uma influência poderosa.

Desejariamos que fosse o actual ministro da Instrução sr. António Sérgio ou outra qualquer entidade oficial suficientemente categorizada que possesse esta questão a claro. O processo de agredir pela rectaguarda, tenha-se ou não se tenha razão, é sempre deplorável, é sempre covarde.

Admitamos, porém, que existiam nas Escolas Primárias Superiores, muitos professores a que faltava a necessária competência. Mas, se assim for, isso pode servir de razão a suprimir as aludidas escolas. De certo que não. Se há professores incompetentes com isso nada tem as referidas escolas. Não se lhes pode assacar as responsabilidades por algumas ou por muitas competências que porventura lá estejam. Se elas existem não são culpa das referidas escolas. Não foram elas quem as nomeou. Foi o Estado. E' a este a quem podem ser assacadas todas as responsabilidades. De resto há muito que o Estado se encontra na posse de incompetentes. Se se fosse a empregar esse argumento o Estado, suprimia-se o Estado—e este ainda continua existindo com o sr. António Sérgio e tudo.

Feitas as contas com imparcialidade o Estado em vez de lavar sua própria morte foi lavar a morte das Escolas Primárias Superiores.

Há incompetentes nas Escolas Primárias Superiores? Aceitamos essa afirmação.

E quem foi nomear incompetentes. Certamente os vários inimigos do ensino que tem sobrado a pasta da instrução. Porque se não chamam á responsabilidade esses indivíduos que abusaram da sua situação, que esqueceram os interesses do ensino para atender aos seus interesses pessoais e partidários?

Se o ministério da Instrução tem sido uma alcova da política, não são as Escolas Primárias Superiores que merecem ser suprimidas. Suprimam, mas é ao ministério da Instrução a alcova das cartas de empenho, das transigências vergonhosas e fáceis. Evitem cautelosamente que o ministério da Instrução seja um prolongamento do lar do sr. António Sérgio. Não consentam que lá se façam convites á valsa católica, que lá se organizem instituições destinadas a aumentar o número dos crentes que estão com Deus e obedecem ao Papa. Expurgue-se as Escolas Primárias Superiores das incompetências que as infestam. Mas não vá o Estado que mandou para lá essas incompetências, extingui-las pretextando aquilo que no fundo e logicamente constitui a sua culpa.

Cometeram-se imoralidades nas nomeações para as Escolas Primárias Superiores? Pois acabem-se essas nomeações, ponha-se termo a essas imoralidades.

Encerrar-se as escolas equivale a praticar-se um crime. E um crime não põe termo a uma imoralidade antes a torna monstruosa.

A transformação social

A fé é força suficiente para transformar os homens e a sociedade?

Há grande ansiedade pelo número de segunda-feira do Suplemento semanal, *literário e ilustrado de A BATALHA*. Essa ansiedade foi despertada pela nossa notícia de ontem de que o próximo número do Suplemento publicava um artigo do nosso amigo dr. Campos Lima a propósito do último livro, do nosso ex-camarada Manuel Ribeiro *Ressurreição*. Devemos, no entanto, dizer aos nossos leitores, que não é só esse artigo que torna digno dos leitores o nosso Suplemento de segunda-feira. Como verá pelo Sumário que noutro lugar publicamos, o Suplemento de A BATALHA de segunda-feira, insere uma colaboração variada e selecta, de flagrante actualidade, que lhe reserva extraordinário sucesso.

Leiam amanhã o Suplemento literário de A BATALHA

Sumário

- A morte de Génina Artigo de Julião Quintinha (com retrato).
- A fé cristã e a sociedade futura (Apropósito do livro *Ressurreição*, de Manuel Ribeiro) por Campos Lima.
- O poema e a música do "Parsifal" de Wagner Por Nogueira de Brito.
- A preparação de militantes operários Por Alexandre Vieira.
- Os tendões sociais Pelo dr. Adolfo Lima.
- O emprego da bomba Por M. Gonçalves Vidal.
- A fauna portuguesa do livro-pensamento Por Ursus.
- O braço e o cérebro Redactorial.
- Não matarás Trágico-farça por César Pôrto.
- Chico, Zecas & C.ª Pagina recreativa e instrutiva para crianças.
- A moral de hoje Propaganda neomalthusiana Desenhos de Stuart Carvalho.
- A Dor Escultura de Gabeau.
- Uma potência moderna Escultura de E. Legrain.

Aos trabalhadores, quer intellectuaes, quer manuaes, recomenda-se a leitura deste número do Suplemento literário e illustrado de "A BATALHA"

NOTAS & COMENTÁRIOS

Ministro em Londres, hein?

Vai cá pela redacção uma alegria delirante—estamos doidos de contentes. Porque? Porque subiu o preço dos ovos? Não. Porque não há casas para habitar? Também não. Porque o açúcar está caríssimo? Ainda menos. Porque se acabaram com as Escolas Primárias Superiores? Não. Porque a vida está pela hora da morte? Não e não. Estamos contentes porque o sr. Augusto de Castro, aquele que falou com o Papa, que escreve artigos doces como lamboreos, que quiz discursar do alto dum plúpito na Sociedade de Geografia, que fazia a jogada da Mosagem, que adunava quem lhe pudessem servir de apoio ás suas ambições; que guerrea em *O Diário de Notícias*; que dirige, os operários honestos, e acaba de ver realizado o seu sonho absorver-nos. Estamos contentes porque o sr. Augusto de Castro vai ser nomeado ministro em Londres.

Batemos daqui—em sentido figurado, é claro—nas costas do illustre colega folgadas paladinhas e dizem-lhe: —Ministro em Londres, hein? Magnânimo... Isso é que é sabal-tecer...

Resolução justa...

Anteontem foi assaltado o "Ritz" que é um club chic onde se faz batola e prostituição. 63 frequentadores foram para o governo civil e em vez de irem para os calabouços como está determinado, foram metidos nos quartos particulares. Ontem foram postos em liberdade por se provar que não estavam jogando. Acreditamos. Não estavam jogando—estavam sendo jogados. Os banheiros também não estavam jogando, estavam... estavam... estavam a ver entrar nos seus bolsos o dinheiro dos jogadores. Mas, como isso não é jogão—foram todos postos em liberdade por não estarem a jogar. Até com a batola se faz batola!...

Artigo de Hamon

Na próxima terça-feira A Batalha publicará um artigo do nosso estimado colaborador Agostinho Hamon, acerca da subida dos trabalhistas ao poder em Inglaterra.

Congresso Nacional Metalúrgico

Com a presença de todos os seus componentes, reuniu na sexta-feira a Comissão Organizadora que entre outros assuntos deliberou intensificar a propaganda para o Congresso, e em vez de um delegado para o Norte, como primitivamente ficou assente, resolveu enviar dois que, juntamente com os delegados do Comité da Zona, farão a respectiva propaganda. Estes delegados partirão no próximo dia 4 de Fevereiro, vindo na volta efectuar sessões em Coimbra, Figueira da Foz, Leiria e Penafiel.

Mais se resolveu que a propaganda a fazer em Torres Novas, Abrantes e Portalegre seja feita por dois delegados que partirão para a primeira destas localidades no próximo dia 31, pela manhã, devendo também partir no dia 2 de Fevereiro delegados para Évora, Beja e Aljustrel. Previnindo-se por este modo as comissões dos organismos que façam a necessária propaganda a fim de ida dos delegados não se tornem ineficazes.

Delibere-se por fim que h'ja fôsem a Setúbal dois delegados a fim de combinar com os metalúrgicos dali, a realização duma sessão de propoganda.

Uma réplica justa

O industrial de tanoeira Manuel Alves Ferreira, recusou-se a receber o seu pessoal nas condições de trabalho que já tinham sido aceites pelos outros industriais. O mesmo sr. declarou que só atenderia e acataria o pessoal quando os exportadores solucionassem o conflito.

Os grevistas ontem reinvidicados deliberaram, como resposta, fazer-lhe a "boicottage" durante três meses. Durante esse prazo de tempo nemhum tanoeiro deve ir trabalhar para casa do referido industrial.

O sr. Manuel Alves Ferreira recebeu assim a resposta que o seu gesto insolente necessitava.

O governo trabalhista

multo liberal, muito o generoso, ameaça....

LONDRES, 26.—Um dos actos mais sintomáticos do novo estado de coisas em Inglaterra, foi a ordem dada pelo sr. Macdonald para que fossem destruídas as barricadas construídas em algumas ruas há mais de três annos, durante o governo de coligação do sr. Lloyd George, o que todos os transeuntes podiam admirar na proximidade de White Hall. Essas barricadas tinham por fim defender os ministérios e as casas dos altos dignitários contra a qualquer eventual ataque dos desempregados, em casos de distúrbios ou motins, como por várias vezes se recebeu, e principalmente nos períodos em que a crise de colocações atingiu o máximo, o Destruidoras, o sr. Macdonald pretende demonstrar ao povo britânico a sua certeza de debelar tão grave e problema suscitando assim a confiança da nação na sua obra e na dos seus colaboradores, ao mesmo tempo que oferece a garantia de que o governo saberá dominar com mão de ferro qualquer tentativa de desordem, com necessidade de organizar previamente a defesa.

A PACIENCIA ESGOTA-SE

As autoridades espanholas declaram que os delegados portugueses presos em Sevilha estão isentos de culpa — e mantem-nos presos. As autoridades portuguesas dormem O proletariado protesta — e protesta com razão!

Acêra da detenção em Sevilha dos delegados da C. G. T., não temos, propostadamente, emitido uma opinião—embora a reservassemos para conhecimento bem definitivamente a fim de não nos apodarmos de precipitados ou de pretendermos que se resolvesse num momento o que leva tempo a esclarecer. Agora, que semanas já decorreram sobre semanas e que nas estações oficiais se tem dormido e ressonado sobre o caso, é tempo de falar, bem alto para acordar os que dormem, sem que haja perigo de nos acusarem de exigências.

Manuel da Silva Campos, secretário geral da C. G. T., e Manuel Joaquim de Sousa, seu antecessor, foram a Sevilha cumprir uma missão bem clara, determinada por resoluções publicas tomadas no Congresso Operário da Colômbia do qual toda a imprensa fez eco. Essa missão era em síntese procurar, de accordo com a C. N. T. espanhola, cuja sede é actualmente em Sevilha, realizar a aproximação espiritual do proletariado dos dois países, visto que não se compreende—e isto afirmam—no os próprios elementos constituidores—que dois povos vizinhos, com afinidades bem vincadas e com interesses comuns determinados pelas condições geográficas e pela tradição histórica, vivam ignorantes um do outro.

Agitou-se no momento em que esses delegados se encontravam em Espanha, a ridícula ideia dum revolução comunista em lóda a península, e a policia espanhola, farejando nos dois delegados portugueses, que não se ocultavam, que faziam uma vida bem insuspeita, conspiradores perigosos, prendendo-os.

Instauraram-lhes o respectivo processo, apertaram-nos em interrogatórios, mandaram pedir informações detalhadas á policia de Lisboa, investigaram, pensaram—até que, oficialmente, o juiz que do caso tratou, informou os presos de que o processo estava concluido e entregue ao seu destino, sem que culpa tivesse sido encontrada.

Situação mais clara não pode haver. Manuel da Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa encontram-se presos por não terem praticado o menor delicto.

Pois, apesar desta nitida inculpabilidade, aqueles camaradas ainda não foram, nem serão por enquanto postos em liberdade. Vão ser postos á disposição da Direcção Geral de Segurança Pública espanhola. Isto é, acabam as autoridades espanholas de sair do campo da legalidade para entrar no do arbitrio. Agora já não procedem de boa fé—essa hipótese está arredada—procedem com um capricho que as autoridades portuguesas não podem, por uma questão de brio, aceitar.

Para o caso chamamos a atenção do ministro dos Estrangeiros que não pode consentir que em Espanha se mantenha presos dois portugueses que as próprias autoridades espanholas consideram isentos de culpa. E, para nós, revolucionários, uma tremenda injustiça; e, para os governantes que afirmam um patriotismo, que nós não temos, mas que eles por coerência devem manter, uma afronta ao brio nacional.

O governo português encontra-se moralmente obrigado a reclamar, pelas vias diplomáticas, a immediata liberdade desses indivíduos de nacionalidade portuguesa que, abstraído das suas ideias particulares, pagam impostos, produzem em Portugal, tem direitos como qualquer outro português.

Não pedimos um favor ao governo e ás autoridades, reclamamos o cumprimento de um dever. Encontram-se presos em Sevilha dois operários providamente innocentes, o dever das autoridades portuguesas é reclamar a sua immediata libertação.

O operariado português tem protestado contra essas detenças iníquas e tem razão. Esses protestos tomam, visto que são feitos contra as autoridades espanholas, um aspecto da attitude agressiva do povo trabalhador português contra o país vizinho. Enquanto as prisões se mantiverem os protestos redobrarão, aumentarão de intensidade, o seu eco tornar-se-á bem forte em Espanha—e assim, por desleixo das autoridades portuguesas que tudo evitariam, de realizar o seu fômbóio em ouro, caindo que é a base do curso do franco, não se faz sómente em relação ao momento actual e segundo a parte que representa actualmente no activo do Banco o que lhe deve o Estado e seguindo a solvabilidade actual deste último, mas segundo o que se prevê que serão amanhã uma e outra coisa.

«Ora, em consequência do conflito franco-ingles, a dívida do Estado ao Banco ameaça tornar-se formidável e a sua solvabilidade quasi nula.»

«Eis aqui uma primeira razão da baixa do franco.»

Uma sessão de protesto em Belém

Com grande concorrência realizou-se anteontem em Belém uma sessão de protesto contra a prisão de Manuel Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa.

Sebastião Marques protesta contra as prisões desses camaradas e apela para que todos os operários ingressem nos seus sindicatos.

Pedro da Glória, em nome do Sindicato Corticeiro de Belém, lavra o seu protesto, manifestando a sua solidariedade a esses camaradas.

João Pereira e Claudio dos Santos, delegados da Federação das Juventudes Sindicatas, manifestam a sua repulsa contra o governo de Rivera pela arbitrariedade cometida contra os representantes da central portuguesa, dizendo que os jovens sindicalistas se encontram no seu pósto defendendo a liberdade contra a tirania.

Manuel Soares, pela União dos Sindicatos Operários, disserta sobre a solidariedade, fazendo largas considerações, protestando contra a Espanha reaccionária pelas prisões efectuadas quando os delegados iam estreitar relações com o proletariado espanhol.

João Caldeira, do Sindicato Unico da Construção Civil, faz varias considerações sobre a Espanha e condena os operários que vão jogar a bola deixando ao abandono os seus sindicatos. José dos Santos, em nome dos jovens sindicalistas de Belém, protesta contra a prisão dos camaradas Campos e Sousa, e refere-se á Alemanha, onde se morre de fome, apelando para os presentes para que abram queques nas oficinas, em harmonia com a nota da C. G. T. Jacinto Rufino, da Federação Metalúrgica, faz largas considerações sobre a solidariedade a prestar aos camaradas presos em Espanha; fala sobre a Alemanha e contra a politica fran-

coisa, que tem levado o povo alemão á fome.

Alberto Dias, da Federação da Construção Civil, protesta contra o facto do Tribunal de Defesa Social ter sido extinto e se encontrarem ainda presos diversos camaradas. Critica o discurso feito no congresso nacionalista sobre as 10 horas de trabalho, afirmando que se o orador soubesse o que era trabalhar não preconizava esse horário. Finaliza por protestar em nome do seu organismo, contra as prisões de Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa.

Alexio de Oliveira, em nome da C. G. T., saúda o operariado de Belém e faz largas considerações sobre o que iam fazer a Espanha aqueles camaradas, originando a sua prisão o pretexto duma revolução comunista. Refere-se á carestia da vida, dizendo que o aumento de salário já não dá resultado e acaba por apelar, em nome da C. G. T., para a solidariedade do proletariado para os famintos alemães.

No final foi presente a seguinte moção que foi aprovada por aclamação: «Considerando que há bastantes dias se encontram presos ás ordens do governo espanhol dois camaradas sem haver causa para que tal justifique;

«Considerando que os mesmos camaradas são delegados da C. G. T.;

«Considerando que este organismo representa legalmente uma força organizada;

«Os operários, em sessão, resolvem: 1.º Registrar esta arbitrariedade;

2.º Acatar qualquer deliberação tendente á libertação desses camaradas.»

O Sindicato Unico Metalúrgico do Faro, na sua última assembleia geral, aprovou por unanimidade uma moção de protesto contra a prisão em Espanha de Manuel da Silva Campos e Manuel Joaquim de Sousa, deliberando secundar qualquer movimento que a C. G. T. entenda levar a efeito.

A assembleia congratulou-se com a vitória obtida pelo proletariado internacional que conseguiu o indulto de Pedro e Nicolau.

O franco continuará a baixar

Descrevem-se as manobras «patrióticas» dos metalurgistas franceses e estabelece-se a comparação com as manobras da alta finança portuguesa Caminha-se para uma guerra franco-britânica

Com referência á baixa do franco transcrevo de «l'Humanité» de 21 do corrente os seguintes e lucidissimos e elucidiativos períodos pelos quais bem se demonstra que se «cá e lá mais fadas há», tanto em Portugal como em França, assim como em toda a parte, é o capitalismo que a si mesmo se arruinou que está apressando a própria morte, com o que o proletariado universal, sem meter prego nem estopa para o caso, bem pode considerar meio andado o caminho das suas reivindicações cujo êxito, além de muito mais rápido do que em geral é suposto, não pode deixar de ser completo, queira que não queira o Estado-patrio-providencia e a burguesia, já agora ás aranhas, desvaldrada e perdida para sempre, por sua própria culpa.

Ponhamos, porém, de parte, estas considerações secundárias e vejamos o que nos diz «l'Humanité» acerca da baixa do franco e vem a ser o seguinte: «A primeira das causas da referida baixa é a convicção, cada vez mais generalizada, de que a guerra franco-britânica é inevitável. Há um ano e meio próprio dia em que se fez a occupação do Ruhr escrevemos nós: «A França declara a guerra á Inglaterra.»

«São cada vez mais numerosos aqueles que tem agora a mesma opinião e de mais em mais toda a gente se comprehende que a metalurgia lorena não poderá viver desde que não se apodere do coque do Ruhr. Senhora dêle será senhora do mercado europeu e tal senhorio conduzirá ipso facto á morte a industria inglesa. A metalurgia rubro-loreana e a metalurgia britânica não podem coexistir e como a metalurgia adquiriu uma influencia predominante na vida dos Estados durante o último vinte annos, nem a metalurgia inglesa nem a francesa consentirão no respectivo desaparecimento sem tentarem a sua última probabilidade, arrastando os seus respectivos povos para uma guerra de extermínio contra o adversário.»

«A partir daí nada importa que a dívida do Estado ao Banco de França seja reduzida de algumas centenas de milhões, como não importa que o Estado possa calafetar o seu orçamento vá pedir alguns bilhões mais ao imposto pedindo menos alguns bilhões ao empréstimo, uma vez que a França, a guerra de morte com a Inglaterra, não podendo sustentar essa guerra sem recorrer, numa escala formidável, aos adiantamentos do Banco de França ao empréstimo.»

«O cálculo da redução que o Banco de França deveria fazer experimentando ao valor nominal dos seus titulos, a fim

de reduzir o seu fômbóio em ouro, caindo que é a base do curso do franco, não se faz sómente em relação ao momento actual e segundo a parte que representa actualmente no activo do Banco o que lhe deve o Estado e seguindo a solvabilidade actual deste último, mas segundo o que se prevê que serão amanhã uma e outra coisa.»

«Ora, em consequência do conflito franco-ingles, a dívida do Estado ao Banco ameaça tornar-se formidável e a sua solvabilidade quasi nula.»

«Eis aqui uma primeira razão da baixa do franco.»

«Existe, porém, uma segunda razão dessa baixa.»

«A industria francesa, particularmente a industria pesada, tem o máximo interesse na baixa do franco, primeira-mente porque em virtude dum mecanismo que se tornou agora bem conhecido, essa baixa, enquanto ela se produz, favorece as exportações e esse interesse ainda tem uma razão mais importante.»

«A dívida pública é considerável e se os lucros desta dívida fossem assegurados em francos-ouro representaria isso um encargo enorme quadruplo do encargo actual e o valor real dos impostos ser quadruplicado, por consequente.»

«Directa ou indirectamente a industria paga uma parte dos impostos e qualquer aumento do valor do franco aumentaria, portanto, os encargos da industria, ao passo que a baixa do mesmo valor diminui os referidos encargos.»

«Se o franco voltasse á paridade ouro a industria francesa deixaria de existir porque os impostos absorveriam a quasi totalidade do lucro patronal e como o industrial capitalista não produz senão para ganhar, no dia em que ele deixasse de ter lucros teria que fechar a sua loja.»

«A industria francesa, no seu conjunto, só tem podido subsistir fazendo pagar as despesas da guerra que estão mais burgueses da guerra que estão mais feridas sob a forma de dívida pública e bem assim pelos portadores do empréstimo do Estado, tudo por meio da verdadeira expropriação parcial constituida pela baixa do franco.»

«A industria pesada da França não poderá desenvolver-se nem realizar as imensas probabilidades que lhe assegura a occupação do Ruhr, a não ser a condição de accentuar ainda mais essa expropriação, mas o Ruhr não permitirá á industria pesada francesa que esta conquiste a hegemonia, pois que se a dita industria dispõe de capitais consideráveis, não conseguirá reúnir-lhes o

quantidades suficientes, a não ser que reduza ao minimo o encargo dos impostos que a atingem ou sobrecarregam, reduzindo ao minimo o valor do franco.»

«E assim como Stinnes fez descer o valor do marco, o Comité das Forjas pela mesma razão faz e fará descer o franco, com a diferença que o mesmo Comité não opera com a brutalidade e a franqueza germânica, mas sim com o tacto e as habilidades francesas.»

«Segundo o exemplo dos reis de França ao expropriarem a nobreza por meio de ligeiras mas continuas depreciações da libra, o Talão de Ferro francês não expropria os pequenos burguezes, a não ser por uma depreciação salubrimente progressiva do franco, tendo o cuidado de evitar quanto possível as quedas muito bruscas e prestando mesmo o seu concurso para faz-lo subir de novo e temporariamente quando a pequena burguezia range muito os dentes, tal qual o rei de França «reloçava» por algum tempo a libra quando o descontentamento da nobreza se tornava perigoso, mas o termo final em coisa alguma se modificou, o que representa o aviltamento continuo da unidade monetária a que tende a industria pesada, tanto em França como em Alemanha.»

«Tal é o segundo motivo que, de resto, se liga ao primeiro e pelo qual o dólar está a vinte francos á espera de que ele esteja a trinta.»

«Este artigo firmado por R. Louzon e por mim traduzido literalmente mostra bem o patriotismo acrisolado dos grandes senhores da industria pesada francesa, isto é, da industria mineira e metalúrgica, patriotismo de nenhum modo inferior ao dos nossos grandes industriais em geral.»

«Os jornais burguezes de Portugal, «colossos» da tiragem e da informação a seu bel-prazer desvirtuada e ainda aqueles que vivem do auxilio ou do favor das grandes empresas, designadamente do colosso de pé de barro do Jardim do Tabaco, ou seja o «grande polvo» que nem sempre se deixa apañar nos côvos da chantage e menos ainda consente que lhe voltem o capello por simples capricho ou em resultado de mui comprehensivos ressentimentos, esses jornais que formam a opinião pública nacional ao sabor e segundo os interesses ordinariamente inconscientes de quem para isso lhes paga ou os adquirem, por compra, não dizem vez alguma estas cousas verdadeiras ao povo «simplista», e sistematicamente e proposadamente mantido a máxima ou quasi completa ignorância

«Mas pelo que deixo traduzido e pelo que digo em adiamento á tradução já o povo «simplista» fica sabendo como, porquê e para que se desvaloriza o franco e o escudo e quem são os agentes ou camandores únicos dessa desvalorização, aqueles cuja ambição desmarcada desencadeia as guerras pavoresas, cujas despesas é sempre o povo que as paga com o suor do seu trabalho, o sangue da sua vida, as misérias tremendas do seu lar, o seu luto, a sua viuvez e a sua orfanidade, em obediência cega e passiva ao bezêrro de ouro e á disciplina militar que converte irmãos em fratericidas e parriedas, fazendo dum homem uma coisa infeliz e dessa coisa um desgraçado automático, tudo isto e o mais que não digo realizado em nome do direito, da razão, da justiça e da liberdade; tudo isto em nome e para o engrandecimento duma patria que é uma espécie de sorte grande que apenas sai aos outros, áqueles que jogam de fora e á custa dos tremendos sacrificios alheios, com a certeza matemática de ganhar.»

«Estas reflexões sobre a guerra, em geral e as suas negativas consequências experimentadas ou sofridas pelo povo mais ou menos «simplista» de toda a parte são vindas aqui a talho de foice, visto que como em França se tem por certa como na Inglaterra e noutros países a guerra-britânica, na mesma guerra e como aliado desta última teremos que entrar, necessariamente e duma forma ou outra, se não for por todas as formas possíveis e imagináveis, com inteira satisfação dos nossos bons patriotas, em especial os senhores novos-ricos e outros batriquios embrioados que se preparam para entrar na sua confraria.»

«Outrossim me apraz dizer aqui ao nosso bom povo «simplista» que o orçamento das despesas militares em França a alguns annos antes da guerra absorvia tanto ou tam pouco dos rendimentos do Estado como o que seria necessário para caber igualmente num ano e a cada uma familia da França o preciso para ela viver em desafogo, isto é, cerca de noventa mil réis da nossa moeda tomada ao par.

«Por esta pequena amostra pode o povo «simplista» avaliar, muito pela razão, quanto custa uma guerra só em dinheiro e fazer uma páida ideia do montante dos orçamentos militares terrestres e navais de todo o mundo, não contando com as vidas preciosas de criaturas innocentes que se perdem, em consequência de tal flagelo.

Avaliar, apenas.